

"Leia a primeira página e dê adeus às próximas 24 horas. Sensacional!"

Jeffery Deaver, autor de *O colecionador de ossos*

A GAROTA SEM

Sua família e sua liberdade foram roubadas. Mas ela não deixará que ninguém leve seu futuro.

PASSADO

MICHAEL
KARDOS





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

Para Katie

Eram as verdades que transformavam as pessoas em aberrações. (...) Ele tinha plena convicção de que, a partir do momento em que uma pessoa tomava para si uma verdade qualquer, passava a chamá-la de sua e tentava viver a partir dela, essa pessoa se tornava uma aberração, e a verdade, uma inverdade.

– SHERWOOD ANDERSON, *Winesburg, Ohio*

É o fim do mundo tal como o conhecemos (e, por mim, tudo bem).

– R.E.M

PARTE I

Minha baleia branca posta em liberdade

22 de setembro de 2006 ♦ por Arthur Goodale ♦ em Não categorizado

Três semanas desde meu último post e depois de hoje não sei quando voltarei a escrever aqui, de forma que não serei breve. Peço desculpas por isso.

Todos os seguidores deste blog sabem quanto valorizo a honestidade e a franqueza. Então aqui vai minha revelação: estou escrevendo de uma cama da UTI do Hospital Regional Monmouth. No último domingo (aparentemente o dia inteiro) tive uma crise de insuficiência cardíaca congestiva. Quem diria? Vejam, eu sou e sempre fui fumante. (Meus leitores sabem das minhas várias tentativas frustradas de parar de fumar.) Durante anos, décadas, fiquei esperando o tal formigamento no braço esquerdo, as dores no peito, todos aqueles sinais inequívocos de que o fim está próximo, ou no mínimo uma disparada cambaleante rumo ao telefone antes de desabar no chão, quem sabe até com direito a um puxão na cortina da sala, fazendo-a despencar junto comigo. Alguma coisa bem dramática. Mas uma simples dorzinha nas costas?

Eu tinha passado boa parte do dia agachado na horta, arrancando ervas daninhas e amarrando alguns pés de tomate meio frouxos na esperança de manter a produtividade até a primeira

grande geada. *Claro* que as costas estariam doendo depois. No passado, minha cura para dor nas costas consistia invariavelmente em tomar três comprimidos de analgésico, depois me refestelar na poltrona e assistir a um bom filme de James Bond na TV. Pois foi exatamente assim que tratei os meus sintomas dessa última vez: com uma complicada intriga internacional amenizada pelo delicioso sotaque britânico. E algumas doses de martíni de vodca.

Na terça-feira, a dor ainda não tinha passado, então liguei pro meu médico. Ele me falou pra ir vê-lo. Eu fui. E agora estou no hospital, de onde talvez nem saia, segundo me disseram.

Quem sabe se eu tivesse tomado duas aspirinas em vez do Advil, disse o cardiologista de plantão. Se eu tivesse vindo direto pro hospital ou ligado pra emergência em vez de ter esperado dois dias. Mas por que diabo eu teria feito isso? Não é assim que você age quando é um velho idiota feito eu, acometido de uma dor nas costas depois de ter passado várias horas agachado cuidando da horta. Você não liga pra emergência. Você vai ver televisão. Vai tirar uma soneca.

Quem irá colher meus últimos tomates?

Bom, chega desse papo macabro. Vocês merecem coisa melhor. Aliás, realmente existem vários “vocês” por aí, tanto aqui em Nova Jersey quanto em outros lugares. No último mês este blog teve 2.300 visualizações, ou seja, quase 75 por dia. Mal consigo imaginar 75 pessoas interessadas nas minhas reflexões e, pelo que sei, há leitores em todos os cantos do país e do planeta, em locais muito distantes, como o Vietnã e a Austrália. Sempre fico maravilhado com isso. É bem diferente da minha época de jornalista, quando a gente arrancava os cabelos tentando aumentar a circulação paga do jornal – isto é, antes de virarmos um folhetim gratuito pra podermos nos concentrar unicamente na receita de publicidade e antes de vendermos a alma e o negócio em si para a Kingswood Holdings, Inc.

Portanto, meus leais 75 leitores, saibam que sou profundamente grato por estes três anos em que vocês leram meus posts aqui, aguentando firme cada uma das minhas frequentes digressões e tergiversações. Apesar do sincero respeito que tenho pelas rígidas

convenções da escrita jornalística, aos poucos fui adquirindo uma grande satisfação com este blog, onde não há nenhuma limitação na contagem de palavras, onde a imparcialidade não é uma prerrogativa, onde posso me entregar sem nenhuma culpa às conjeturas, às divagações e à compulsão por vírgulas.

Por motivos óbvios, espero que este não seja meu último post. Mas, se for, paciência. Estou com 81 anos, uma idade avançada sob qualquer aspecto. Imagino que ninguém ache que já viveu o suficiente em idade nenhuma, mas com minha dose diária de cigarros (vício adquirido há quase *setenta* anos) e os maus hábitos de uma vida inteira como solteiro (os tomates sempre foram da minha própria horta, mas quase todas as refeições eram pedidas por telefone), posso afirmar que foi uma sorte ter chegado tão longe. Não me arrependo de nunca ter me casado e tido filhos. Se houvesse encontrado a mulher certa e deixado passar a oportunidade de dividir com ela meu destino, aí, sim, a coisa mudaria de figura. Talvez a culpa tenha sido das minhas intermináveis jornadas de trabalho ou, quem sabe, do meu nariz ridiculamente comprido. Seja como for, o lado bom deste meu celibato vitalício é que, quando chegar minha hora, a notícia será recebida com tristeza por muitos, mas ninguém entrará em luto de verdade.

Será que me casei com o trabalho? Talvez esse clichê seja verdadeiro. Mas não precisam ter pena de mim. Foi um casamento ótimo. Sempre adorei pertencer ao mundo da imprensa como editor, redator e, acima de tudo, repórter. Não me lembro de felicidade maior que a de ver, após meses de sofrimento e perguntas sem resposta, todas as peças de uma história finalmente se encaixarem – não só os fatos, mas também meu jeito pessoal de relatá-los. Muito melhor do que encontrar petróleo, podem acreditar.

É uma lástima a rapidez com que esta atividade milenar vem desaparecendo sob as mãos de ideólogos e ignorantes. Nossa democracia precisa de algo melhor. Mas esse é um problema que caberá a mentes mais jovens solucionar.

O título do post de hoje faz alusão, é claro, ao inatingível objeto da obsessão do capitão Ahab, de *Moby Dick*. Hoje de manhã, um jovem enfermeiro entrou no meu quarto aqui no hospital pra checar meus indicadores vitais e a cicatrização no meu peito e

minha perna (fiz uma cirurgia de ponte de safena na segunda-feira). Perguntei a ele que dia era e ele disse: sexta-feira, 22 de setembro. Comentei que o caso Miller estava fazendo quinze anos.

“Caso o quê?”, perguntou ele.

Fiquei surpreso, mas já devia ter imaginado. O rapaz ainda era uma criança à época dos assassinatos. Mesmo assim, Silver Bay era – ainda é – uma cidadezinha pacata, e o crime esteve nas principais manchetes locais por muitas semanas. Contei a ele toda a história.

“É, acho que ouvi alguma coisa a respeito”, disse o enfermeiro, preocupado em ser gentil com seus internos mais birutas e moribundos.

Os leitores mais fiéis saberão que o caso Miller é minha Moby Dick. Durante todos os anos que vivi nesta cidade, houve apenas cinco homicídios. Em um deles, o próprio criminoso ligou para a polícia e se entregou. Em outros três, os assassinos (todos homens) foram capturados depois de algumas semanas e confessaram seus respectivos crimes em troca de uma redução de pena. Ramsey Miller foi o único que conseguiu fugir.

Na época eu já morava onde moro até hoje, a poucos quarteirões de onde vivia a família Miller, portanto consegui chegar à cena do crime apenas alguns minutos após ter ouvido as sirenes escandalosas das primeiras viaturas de polícia. De carro, entrei na Blossom Drive a tempo de testemunhar todo o rebuliço que se seguiu ao terrível acontecimento, uma tragédia da qual nunca consegui me recuperar por completo.

A cidade inteira ficou abalada. Ainda lembro quando, alguns dias depois, fui tomar meu café com ovos na lanchonete Good Times, como fazia todas as manhãs, e a garçonete (Tracy Strickland, que sempre usava um button com a frase “Garçonete do ovo virado”) sentou-se à minha frente, plantou os cotovelos na mesa, enterrou o rosto nas mãos e começou a chorar. Tracy tinha mais ou menos a idade de Allison. Não fiz nenhuma pergunta. E nem precisava, porque Silver Bay é uma comunidade pequena e Allison Miller era o tipo de mulher que não havia como não admirar. E Meg era uma menininha tímida de 3 anos que tinha o direito de crescer.

Alguns meses antes, fazendo compras à tarde no supermercado Pathmark, de repente me vi no mesmo corredor de Allison e Meg. A mãe empurrava o carrinho lotado enquanto seguia no encaço da menina, que vinha correndo na minha direção cantando as cores de cada azulejo do piso. Ao chegar ao meu lado, Meg puxou a perna da minha calça e ordenou: “Me pega no colo!”

Fazia anos, talvez décadas, que eu não carregava uma criança no colo (a última vez havia sido quando meus dois sobrinhos eram pequenos).

– Colo! – insistiu a menina.

– Acho melhor você obedecer – disse a mãe.

Então peguei a garotinha (muito mais leve do que eu tinha imaginado) e por trinta segundos, no máximo um minuto, fiquei com ela nos braços, inalando aquele cheirinho gostoso de xampu infantil enquanto Allison colocava apressadamente mais produtos no carrinho. Meg a observava do alto, com um ar de satisfação.

– Obrigada, Arthur – disse Allison, abrindo um sorriso antes de pegar a filha de volta.

Não fazia muito tempo que havíamos nos conhecido, na sala de espera de um consultório de dentista. Era uma grande surpresa que Allison se lembrasse do meu nome, e naquele momento eu não soube o que dizer. Apesar da infinidade de entrevistas no currículo, nunca tive muita competência para conversa fiada, sobretudo com uma mulher tão linda, mesmo que tivesse apenas esbarrado com ela rapidinho no supermercado. Então só balancei a cabeça e talvez tenha resmungado uma bobagem qualquer. Ela convenceu a filha a se sentar de novo no carrinho, depois seguiu até sumir no labirinto de corredores. Terminei minhas compras e passei pelo caixa. Chegando ao estacionamento, avistei Allison mais à frente, guardando suas sacolas no automóvel. Meg continuava no carrinho, balançando as pernas. Cogitei me aproximar para dizer algo amigável, mas a luz do sol poente emoldurava mãe e filha de um modo tão especial que acabei me decidindo por não arruinar a beleza da cena.

Não voltaria a ver nenhuma das duas.

De tempos em tempos, sempre que julguei apropriado, postei documentos públicos relativos ao caso, as reportagens mais im-

portantes e minhas próprias considerações ([aqui](#), [aqui](#), [aqui](#), [aqui](#) e, talvez de forma menos articulada, em mais uma dezena de outros posts). Caso seja sua primeira vez aqui no blog (que timing infeliz), segue um breve resumo:

Em 22 de setembro de 1991, um domingo, o casal Miller recebeu os vizinhos, à tarde, para uma festinha ao ar livre. Umass cinquenta pessoas passaram por lá ao longo de várias horas e já eram nove da noite quando a festa terminou. Mais tarde, completamente alcoolizado, Ramsey Miller matou brutalmente sua mulher, Allison (não vou desenterrar os detalhes; os curiosos podem ler a respeito [aqui](#).) Na manhã seguinte, após encontrar o corpo no quintal da casa, a polícia saiu à procura de Ramsey e da filhinha. Duas testemunhas afirmaram tê-lo visto na marina de Silver Bay na noite anterior, por volta das dez horas, e uma delas o viu embarcar numa lancha pequena com algo entre os braços, um embrulho que, pelo tamanho e pela forma, poderia muito bem esconder uma criança. Nem Ramsey nem Meg jamais foram vistos outra vez. A lancha nunca foi encontrada. A teoria prevalecente (e correta, na minha opinião) é a de que Ramsey navegou até alto-mar e lá se livrou da filha, ainda viva ou já morta.

Por conta do estado em que foi encontrado o corpo de Allison Miller, é possível fazer apenas uma estimativa do horário do crime, e alguns peritos discordam quanto ao que aconteceu primeiro: o assassinato ou a viagem de lancha. A ordem dos fatos é relevante para a construção de uma cadeia de causalidade. Teria Ramsey premeditado ambas as mortes? Ou teria sido a segunda apenas uma consequência inevitável da primeira?

(Ao escrever isto, fico completamente nauseado outra vez. Parece que não há limites para o desconforto de um paciente de UTI.)

Não tenho a menor esperança de que esse caso seja solucionado um dia. Ou melhor: na minha opinião, o caso já foi solucionado há muito tempo. Ramsey matou a mulher e a filha, depois fugiu. Na realidade, o que estou querendo dizer é que nunca haverá respostas suficientes capazes de explicar o que de fato aconteceu. Acho difícil, para não dizer impossível, que Ramsey seja encontrado algum dia, considerando que ainda esteja vivo. Sobretudo depois da aposentadoria de Danny Esposito, o

detetive à frente das investigações na época, um cara que sempre teve a educação de retornar minhas ligações. Hoje ele mora na Carolina do Sul, onde o clima é bem melhor e há um monte de campos de golfe. Fez por merecer seu descanso, e suponho que esteja tirando o máximo proveito dele. Ao contrário dos protagonistas de muitos romances policiais, quase sempre homens solitários e amargos, Danny planejava passar a terceira idade na vida mansa e na excelente companhia de Susan, sua adorável esposa. Não seria burro de insistir num caso triste e frustrante como esse, irremediavelmente sem solução.

Um caso muito, muito estranho.

Se existia motivo para o crime, ninguém foi capaz de descobri-lo. Na família não havia nenhum antecedente de violência. Até onde todos sabiam, Ramsey era totalmente dedicado a seu papel de marido e pai. Seus problemas com a lei eram águas passadas. Não existia uma explicação plausível sequer para a realização da tal festa na véspera dos crimes. Segundo a maioria das reportagens, tratava-se de uma comemoração pelo aniversário de 35 anos de Ramsey, que na verdade seria dali a uma semana. Outros diziam ter sido apenas uma festa de confraternização entre vizinhos, mas até então não havia registro de nenhum evento semelhante entre eles, e as despesas ficaram por conta exclusivamente dos Millers. Seria possível que a tal festa já fizesse parte das maquinações criminosas de Ramsey? E o mais estranho de tudo era o fato de ele ter vendido seu caminhão justo na sexta-feira anterior aos assassinatos. O automóvel era seu ganha-pão. Que motivo teria para vendê-lo?

Há aqueles que ainda se agarram à esperança de que, após ter matado a mulher, Ramsey tenha poupado a filha para fugir com ela. De que eles ainda estejam vivos em algum lugar. Até acho compreensível que certas pessoas prefiram se iludir com isso a apostar no impensável. Eu, porém, nunca acreditei em ilusões, e não há de ser agora que vou começar a fazer isso. Um homem que acabou de matar a própria mulher não sairia de lancha mar afora apenas para admirar as estrelas com a filhinha antes de sumir do mapa com ela. Não, não foi isso que aconteceu.

O que aconteceu foi justamente o impensável.

Se eu posso provar? Não enquanto o corpo da menina Meg não for encontrado, o que jamais acontecerá. Não há como dragar um oceano. Por mais violentos que tenham sido, os homicídios cometidos por Ramsey Miller ocorreram em uma cidade provinciana. O sujeito não era nenhum gênio do crime. Por que diabo ele fez o que fez? Como conseguiu evaporar? Essa ausência de respostas me rouba o sono há mais tempo do que consigo lembrar. Apenas recentemente comecei a admitir que, neste caso, a ausência de provas é uma condição permanente – ou, no mínimo, uma condição que durará mais que eu.

Fico mais aliviado ao lembrar que não cabe a mim encontrar provas de nada. Isso é tarefa de um promotor público ou um repórter investigativo. Faz anos que não sou mais repórter. Hoje não passo de um blogueiro, um velho que, às vésperas do sono eterno, não vê mais nenhuma necessidade de recorrer a ressalvas e evasivas antes de dizer aquilo que julga ser a verdade.

Então aqui está: há quinze anos, neste mesmo dia, houve uma festa, dois assassinatos e uma fuga de lancha. Fora isso, não sei de absolutamente mais nada, e jamais saberei.

Os médicos estão dizendo que preciso parar de digitar para descansar. Falam que preciso focar na minha saúde, mas, levando-se em conta o tipo de pergunta que andam fazendo, não há como não achar que “minha saúde” não passa de um eufemismo para “minha morte”. Isso significa que chegou a hora de fechar meu notebook e delegar minha Moby Dick a algum capitão mais jovem e mais esperto do que eu.

Bon voyage,
Arthur Goodale

P.S.: Peço desculpas por ter desabilitado os comentários para este post específico. Se forem estas minhas últimas palavras por escrito, prefiro que não sejam seguidas da habitual tempestade de agressões políticas que quase sempre não têm nada a ver com o assunto.

*Postado por Velho da Máquina de Escrever
em 22/9/2006 às 14h23 | Comentários desabilitados.*

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br